

MARINA GOMES LIMA DE GODOY

**A INFLUÊNCIA DAS MÃES NO PROCESSO DE ADAPTAÇÃO ESCOLAR
DOS SEUS FILHOS.**

PUC SP

São Paulo-2008

Agradecimentos

Passei dois anos pensando o que faria da minha vida profissional, qual carreira iria seguir. Embora estivesse em dúvida, uma certeza eu tinha, a de que iria trabalhar com crianças, pois elas trazem alegria ao meu dia-dia. Escolhi psicologia, e já no fim do primeiro ano comecei a trabalhar com educação. Trabalho em uma escola há quatro anos, e este tempo me fez ver como os pais podem influenciar na vida de seus filhos, assim pensei em analisar como as mães atuam na adaptação escolar. Venho observando este processo desde que entrei na escola, portanto o presente trabalho foi muito prazeroso e contribuiu tanto pessoalmente quanto profissionalmente para mim.

Para que fosse possível realizar este trabalho contei com a ajuda da Flavia Hime, minha orientadora, a qual já no primeiro dia de orientação compreendeu imediatamente qual era meu objetivo, e desde então me ajudou com dedicação e carinho a investigar e refletir sobre o tema.

Agradeço também as participantes das entrevistas, que foram solícitas ao meu pedido e que viabilizaram a junção da teoria com a prática.

Os professores e colegas também fizeram parte deste, pois aprendi muito com eles, nossas longas discussões e análises colaboraram para sua realização.

E por fim, agradeço as crianças, que fazem com que eu veja a vida de outra maneira. A espontaneidade, inocência e alegria deles fazem com que eu sinta que estou seguindo o caminho “certo” e me proporcionam sonhos em relação a futuros projetos para a nossa crítica situação da educação no País.

RESUMO

A cada ano o processo de adaptação escolar se torna mais precoce, por diversas razões, uma delas e a principal é a inserção da mulher mercado de trabalho. Ao terem que trabalhar e por não terem com que deixar seus filhos, os pais procuram uma instituição que cuide deles, quer seja uma escola, um berçário ou uma creche. Este processo pode ser caracterizado como tranqüilo e rápido ou traumático e longo, tudo dependerá das relações estabelecidas entre as professoras, a instituição, os pais e a criança. A partir disso, a presente pesquisa (empírica e teórica), tem por objetivo o estudo das dificuldades afetivas das mães frente a este processo e a sua influência direta na adaptação de seus filhos.

Palavras-chave: família(relação mãe- criança); processo de adaptação; escola (educação infantil); professoras; Winnicott com perspectiva desenvolvimental.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 1

CAPÍTULO 1- Transição de casal para família com filhos pequenos

1.1- Casamento, sistema bipessoal, 9

1.2- A chegada de um terceiro na relação bipessoal, 11

1.3- A maternagem, 14

CAPÍTULO 2- A criança e sua entrada na escola

2.1- A criança maternal, 19

2.2- A separação da mãe e da criança, 20

2.3- A entrada da criança na escola, 22

CAPÍTULO 3 – Metodologia, 25

CAPÍTULO 4 – Resultados, 35

CAPÍTULO 5 – Análise das entrevistas, 38

CAPÍTULO 6 – Conclusão, 45

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 49

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo a investigação das dificuldades afetivas enfrentada pelas mães, as quais influenciam diretamente no processo da adaptação escolar de seus filhos. Todo começo de ano inúmeras escolas passam por este período de adaptação, e poucas pesquisas foram feitas a este respeito. Pelo fato de trabalhar em uma escola de educação infantil há três anos e por ser mediadora deste processo, pois sou professora titular, objetivo com este trabalho entender melhor os sentimentos dos pais envolvidos neste processo tão complexo. Através de uma análise Winnicottiana pretendo elucidar as dificuldades vividas por estes pais e investigar mecanismos facilitadores deste processo; objetivo também que os pais possam se identificar com a pesquisa a fim de proporcionar uma adaptação mais tranqüila e prazerosa, tanto para os pais quanto para seus filhos.

Pretendo com este trabalho entender melhor o porque para algumas famílias este processo é tão tranqüilo enquanto para outras é tão traumático. Por vivenciar este processo anualmente e ser um acontecimento muito discutido entre professoras e pais, optei investigar todas as variáveis relacionadas a este processo, e analisá-las através da teoria Winnicottiana.

O que pode ser observado é que inúmeros fatores estão diretamente relacionados a este processo, como, a culpa dos pais em relação ao fato de terem que trabalhar e ter que acabar deixando na escola, a falta de confiança nos professores, o apego afetivo com seus filhos, ansiedade, medo, etc.

Portanto se os pais tiverem claro, que este processo envolve etapas, e que é preciso lidar com estes sentimentos citados a cima, a adaptação de seus filhos será mais rápida e conseqüentemente menos dolorosa para ambos. É preciso também que estes pais tenham em mente que a adaptação escolar, reflete fortemente na capacidade da criança em estabelecer novos e significativos vínculos de confiança e que este processo irá ajudá-la na suas relações futuras em termos da sua sociabilidade, participação, comunicabilidade, etc.

Pretendo também discriminar e compreender os fatores facilitadores e os que dificultam esse processo, a culpa dos pais em relação ao fato de terem que trabalhar e ter que deixar na escola, a falta de confiança nos professores, o apego afetivo com seus filhos, ansiedade, medo, etc.

Nossa sociedade vem passando por rápidas transformações, e é relevante que novas pesquisas gerem conhecimentos que possam levar à revisão ou atualização das teorias existentes.

Esta pesquisa visa à promoção de saúde, visto que serão abordadas questões relativas a formas de relacionamentos entre pais, filhos e professoras, muitas vezes disfuncionais e causadoras de sofrimento psíquico. Assim sendo, poderá contribuir com informações úteis à orientação das pessoas envolvidas na adaptação das crianças, à mídia, à atuação clínica tanto em termos de profilaxia como psicoterapia. Profissionais da Psicologia e da Educação poderão se beneficiar com as reflexões que esta pesquisa poderá suscitar.

Optou-se pela abordagem Winnicottiana dentro de uma perspectiva desenvolvimental como base teórica desta pesquisa, pois nesta visão encontram-se muitas considerações a respeito do vínculo mãe-filho e a importância do vínculo familiar na constituição da personalidade do ser humano. Além disso, recorreremos a outras fontes da literatura, como Chodorow(1980) e Badinter(1985) para compreender a vivência materna e as relações entre este momento e sua história.

Para conhecer melhor o problema de pesquisa, é preciso entender o contexto familiar em que este processo está se dando, a relação atual da família com a instituição escola e o processo de adaptação em si.

Ao longo da história brasileira a família veio passando por transformações importantes que se relacionam com o contexto sócio-econômico-político do país. No Brasil-Colônia, marcado pelo trabalho escravo e pela produção rural para a exportação, pode-se identificar um modelo de família tradicional, extensa e patriarcal; onde os casamentos baseavam-se em interesses econômicos, à mulher, era destinada a castidade, a fidelidade e a subserviência. Os filhos eram considerados extensão do

patrimônio, ao nascerem dificilmente experimentavam a proteção materna, pois eram amamentados e cuidados pelas amas de leite.

A partir das últimas décadas do século XVIII, identificou-se um novo modelo de família. Com a Proclamação da República, o fim do trabalho escravo, as novas práticas de sociabilidade com o início do processo de industrialização, urbanização e modernização do país constituiu-se um novo modelo de família, a nuclear burguesa, originário da Europa. Trata-se de uma família constituída por pai, mãe e poucos filhos. O homem continua detentor da autoridade; enquanto a mulher assume uma nova posição: dona de casa.

O amor romântico, narrativa social vigente, tornou os homens, pais e as mulheres, mães, dividindo os espaços em público, ocupado pelos homens, e privado, lugar do feminino cuidador, expressivo, que assim se desenvolvia nas questões de intimidade. A relação amorosa baseava-se na busca do par ideal, a metade da maçã que traria completude, deveria durar para sempre e ter como consequência o matrimônio. A família era o âmbito do cuidado e proteção à prole. O século XIX viu a inserção da sexualidade no par conjugal, que deveria dar conta de múltiplas demandas: realização amorosa sexual, companherismo, projetos em comum e criação dos filhos.

Outro momento marcante devido às grandes e rápidas mudanças econômicas, sociais, políticas e nas relações pessoais foram as décadas de 60 e 70 do século XX: movimentos que já haviam se iniciado desde o início do século, uniram-se, numa busca de igualdade de direitos as minorias: homossexuais, ecologistas, pacifistas e jovens estudantes juntaram-se às feministas, reivindicando condição de vida e de trabalho mais justas. A mulher entrava em massa no mercado de trabalho, portanto ocupando o espaço público e demandando a vinda do homem para o privado. Homens e mulheres poderiam desenvolver-se como sendo do mesmo tipo autônomos e relacionais: mais íntegras, portanto. As crianças, por sua vez, passaram a ter dois modelos de poder, exercido de forma a favorecer seu crescimento e não mais um modelo de homem dominador e mulher submissa.

A família tradicional dava lugar a novos arranjos familiares (Figueira, 1985), o que foi impulsionado pela lei do Divórcio de 1977.

Em 1988, reafirmaram-se as questões legais, que validam um novo conceito de família, no qual os direitos e deveres referentes à sociedade conjugal seriam exercidos igualmente pelo homem e pela mulher.

Nos últimos vinte anos, várias mudanças ocorreram no plano sócio-político-econômico, com o processo de globalização da economia capitalista; a dinâmica e a estrutura familiar possibilitaram mudanças em seu padrão tradicional de organização. Verificou-se a queda da taxa de fecundidade; envelhecimento da população; diminuição do número de casamentos e aumento das separações conjugais; e o aumento do número de famílias chefiadas por uma só pessoa, principalmente por mulheres, que trabalham fora e têm menos tempo para cuidar da casa e dos filhos.

Muitas mudanças no conceito de família ocorreram, estas sempre acompanhadas de mudanças socioeconômicas e culturais. Independente da época a família pode ser vista como um lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros. É a família que propicia os suportes afetivos e, sobretudo dispositivos para o desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos, morais e culturais.

Portanto é relevante considerar-se a família como um sistema em transformação, cujas funções mudam com a passagem do tempo. Seus membros também estão em processo de mudança e, para que essas necessidades de crescimento sejam respeitadas é preciso que a relação entre eles seja dinâmica e de inter dependência. Além disso, a família situa-se em contextos sócio- econômico-culturais, também em processo. Um olhar para a complexidade pode favorecer uma compreensão mais aprofundada dos temas relativos à dinâmica familiar. (Carter e Mc Goldrick, 1995).

Segundo Gokhale (1980), “a família não é somente o berço da cultura e a base da sociedade futura, mas é também o centro da vida social... A educação bem sucedida da criança na família é que vai servir de apoio à sua criatividade e ao seu comportamento produtivo quando for adulto... A família tem sido, é e será a influência mais poderosa para o desenvolvimento da personalidade e do caráter das pessoas”.

Atualmente, a família tem passado para a escola a responsabilidade de instruir e educar seus filhos e espera que os professores transmitam valores morais, princípios éticos e padrões de comportamento, desde boas maneiras até hábitos de higiene

peçoal. Justificam alegando que trabalham cada vez mais, não dispoendo de tempo para cuidar dos filhos. Além disso, acreditam que educar em sentido amplo é função da escola. E, contraditoriamente, as famílias, sobretudo as desprivilegiadas, não valorizam a escola e o estudo, que antigamente era visto como um meio de ascensão social.

A escola, por sua vez, afirma que o êxito do processo educacional depende, e muito, da atuação e participação da família, que deve estar atenta a todos os aspectos do desenvolvimento do educando. Reclama bastante da responsabilidade pela formação ampla dos alunos que os pais transferiram para ela, e alega que isto a desviou da função precípua de transmitir os conteúdos curriculares, sobretudo de natureza cognitiva. Com isso, ao invés de ter as famílias como aliadas, acaba afastando-as ainda mais do ambiente escolar.

Segundo Viera Gomes (1990), a relação família-escola sempre foi complexa, pois existe uma cultura de que quando a escola marca um encontro com os pais, este momento se caracteriza como desagradável, pois os professores só os chamam para queixarem-se de seus filhos. Para os professores esta relação também não pode ser considerada muito agradável, pois os pais chegam à escola com uma atitude defensiva. Existe uma frase comum dos professores que pode ilustrar esta complexa relação: (...) “Os pais são ótimos, desde que mantidos a distância”.

Embora esta relação não seja considerada fácil, ela é fundamental para o desenvolvimento da criança. Primeiramente a criança é educada pela família e a escola dá continuidade. Este processo de educação promove as bases da individualidade e modelos relacionais significativos, além da cidadania. Dessa maneira estarão sendo desenvolvidas as duas vertentes importantes do processo de construção de um ser humano saudável e amadurecido: a possibilidade de tornar-se um indivíduo autônomo, singular, que também estabeleça relações de crescimento (Gilligan, 1993).

Uma boa relação entre a escola e a família é decisiva para o desenvolvimento de seu filho, principalmente quando estes são pequenos e estão se adaptando. Outro papel também fundamental é o do professor, pois ele aparece como mediador principal no contexto da adaptação à vida escolar e caso os pais apresentem comportamentos de insegurança e desconfiança provavelmente este processo será muito difícil.

Ao longo da história da educação infantil, o processo de adaptação, foi por muitas vezes encarado pelos profissionais como sendo um período de tempo e espaço determinado pela própria escola e tinha como objetivo fazer as crianças pararem de chorar.

Imaginar que o sucesso de um processo de adaptação se resume à ter ausência de choro é banalizar uma situação que não termina em si mesma. Os sintomas que as crianças apresentam como doenças, regressões, alterações de comportamento, etc., estão aí para comprovar que elas não falam que as coisas não vão bem somente chorando. (BORGES, 2002)

É mais frequente, ao se falar em adaptação da criança à escola, que se pense nos recursos, dificuldades, reações, sentimentos presentes na criança. Entretanto, para a mãe, principalmente a que tem apenas este filho, é também um momento de separação, que pode ativar sentimentos, vivências e pensamentos relativos à sua história. Considera-se que sua compreensão assim como uma análise do momento presente, possa levar a reflexões que vão contribuir para a facilitação da vivência desse momento de transformação.

A adaptação é o enfrentamento de uma situação nova, quando se entra em contato com algo já conhecido, mas por algum tempo distante do convívio diário. É um processo contínuo de mudança, crescimento, desenvolvimento e amadurecimento. É o momento em que a criança e seus pais passam a criar novas relações afetivas com um novo grupo. Acontece, a partir de então novos relacionamentos e favorece que a criança construa um mundo social mais amplo. É um grande período, que abrange desde as entrevistas e visitas preliminares dos pais as escolas, como os primeiros dias e o primeiro ano de escolarização da criança. Este período é desenvolvido sem prazo para acabar.

Quando se trata de entrar na escola infantil, fala-se de momentos delicados e marcantes na vida do aluno que se inicia, pois envolve sentimentos e expectativas de pessoas que esperam algo melhor para o futuro. De uma só vez, a criança tem que aprender a conviver com um ambiente diferente do que ela estava acostumada a conviver, apropriando-se de uma realidade nova, com influências, idéias, amizades e oportunidades com as quais nunca havia se deparado antes.

As crianças apresentam sentimentos de tristeza, separação, sensação de estranheza ou desconforto, pois elas sentem-se estranhas no grupo ao qual ela está se

inserindo, que é diferente do seu grupo familiar. É necessário tempo para que essa criança apreenda toda a nova situação que está vivenciando.

Novas experiências terão repercussão para as crianças. Entre as novas experiências que podem ser vividas, pode-se destacar: a separação das crianças de seus pais, o afastamento do discente do ambiente familiar, além da criança entrar em contato com um novo grupo de adultos e crianças estranhas. Tudo isso provoca na criança ansiedade, pois para ela significa a separação dos adultos que lhe dão segurança, conforto, amor, etc.

A separação afeta tanto as crianças quanto os pais o que faz brotar sentimentos nos professores. O início da vida escolar pode ser uma ocasião excitante ou também uma ocasião agradável. Junto com aqueles que realmente estão encantados por estarem iniciando sua vida escolar, existem freqüentemente outras crianças chorando ou pais tensos e nervosos.

O professor nesse processo aparece como mediador principal no contexto da adaptação à vida escolar. Assim como as crianças e os pais, nesse momento, também passa pelo processo de adaptação, pois a cada ano que se inicia novas experiências, novas crianças, novos pais serão conhecidos. As expectativas são muitas para o professor, incertezas surgem sobre essas novas crianças, questionam-se muitas vezes sobre esses novos alunos, sobre seu relacionamento com estes, com seus pais, etc.

O professor é o principal mediador e tem que atender as expectativas dos pais, ganhar a confiança das crianças e de seus familiares e ainda, conduzir esse processo, além de trabalhar seus próprios sentimentos. Estão sendo postos o tempo todo à prova.

Portanto, uma boa relação entre pais, professores e instituição é fundamental para este processo tão complexo. Os comportamentos dos pais neste momento também são decisivos, pois estes refletem diretamente nos dos seus filhos.

Capítulos desenvolvidos

Os capítulos teóricos são os seguintes:

Primeiro capítulo: Considerando-se a família como um sistema em transformação(Mc Goldrick e Carter, 1995), este capítulo abordará a formação do casal, as mudanças ocorridas no nascimento de um filho, questões relativas à construção da mulher que se torna mãe e o processo de maternagem.

O segundo capítulo enfocará o desenvolvimento afetivo e social da criança até dois anos, a separação desta e sua mãe, decorrente do processo de adaptação escolar.

O terceiro se referirá a Metodologia, o quarto aos resultados, o quinto a Análise e Discussão dos resultados e o sexto à Conclusão.

Capítulo 1- Transição de casal para família com filhos pequenos.

1.1- Casamento, sistema bipessoal.

Segundo Carter e Mc Goldrick (1995), o conceito do casamento foi mudando através do tempo. Destacam como um dos momentos importantes os anos 60-70 do século XX. Os movimentos denominados de contra cultura trouxeram o questionamento do status quo, sendo que as minorias como os gays e lésbicas, negros e as mulheres reivindicam igualdade de direitos. A mudança no papel da mulher e a crescente mobilidade da nossa cultura adicionada, à difusão dos métodos contraceptivos e à emergência do divórcio como possibilidade e não mais como transgressão, redefiniram o casamento. A mulher passou a dedicar-se mais à sua carreira, a ter mais autonomia e independência financeira e este fato, entre outras influências, fez com que a mulher passasse a querer casar e ter filhos mais tarde.

No passado o casamento costumava ser o principal marco de passagem para o mundo adulto , porque ele simbolizava a transição para a paternidade; atualmente, ele muitas vezes reflete uma continuidade maior da fase da idade adulta jovem ou mesmo da adolescência, uma vez que o nascimento dos filhos é cada vez mais adiado para vários anos depois do casamento, além da redução do seu número de filhos.

Na maioria das sociedades a opção de casar-se ou não seria comparável à escolha de crescer ou não: casar era um fato natural da vida do ser humano, e caso este não ocorresse seria devido a um fato muito sério. Com o tempo, com a abertura de novas possibilidades de escolha e a medida que as pessoas não foram se adaptando aos padrões tradicionais de relação conjugal e foram questionando o sentido desta fase da vida, a não ocorrência do casamento formal passou a ser mais aceita.

Atualmente, principalmente na cultura ocidental, os jovens estão optando por viver juntos ao invés de casar, pois o casamento passou a ter uma outra

conotação, ou seja, passou a ser visto como um comprometimento, um contrato no qual você precisa dividir, ceder, etc. Muitos dos jovens de hoje querem ter uma estabilidade financeira, uma carreira estável, antes de casar: consequentemente estão casando mais tarde, vivendo por mais tempo sozinhos ou com seus pais, o que denota um jovem mais individualista, mais independente, e que consequentemente tem outras aspirações além de dividir, ceder, ou seja, viver uma vida a dois. Assim os casamentos estão acontecendo com menos frequência e mais tarde na vida do jovem, do que no passado, além do recente número de divórcios.

Berger e Kellner (1970) descrevem o casamento como um ato dramático, no qual dois estranhos, portadores de um passado individual diferente, se encontram, se redefinem, e tornam-se um novo sistema.

O casamento requer que duas pessoas renegociem os costumes e hábitos dos dois, que foram definidos por suas famílias de origem. Precisam chegar em um consenso de como usar o tempo, o dinheiro, etc. Porém tais decisões não podem mais ser determinadas unicamente numa base individual. Duas pessoas antes de se unirem, precisam conhecer-se bem, saber seus princípios, suas idéias e postura frente à vida, pois cada um teve um tipo de educação, de origem cultural, religiosa e econômica, assim provavelmente suas atitudes, pensamentos e ações serão distintos. E caso estas divergências não sejam discutidas antes da união, a probabilidade de existirem rompimentos será grande.

“Tornar-se um casal é uma das tarefas mais complexas e difíceis do ciclo da vida familiar. Entretanto, juntamente com a transição para a condição de pais, que há muito tempo isso simboliza, é considerada com a mais fácil e feliz” (Carter e Mc Goldrick. 1995).

Portanto, o conceito de casamento está mudando conforme acontecem as transformações econômicas, social e culturais. Embora estas mudanças estejam ocorrendo, o fato de uma pessoa passar a conviver e dividir diariamente sua vida com outra, ou seja, passar para um sistema bipessoal, continua, e cada vez mais, sendo uma transição muito complexa para o ser humano.

1.2- A chegada de um terceiro na relação bipessoal.

“ Não existe nenhum estágio que provoque mudança mais profunda ou que signifique desafio maior para a família nuclear e ampliada do que a adição de uma nova criança ao sistema familiar.” (Carter e Mc Goldrick; 1995).

Como dito no subítem anterior, o casamento é um fator muito complexo na vida do ser humano, porém a chegada de um terceiro nesta relação pode ser ainda mais difícil.

As mudanças sociais e econômicas ocorridas nas últimas gerações, como a inserção da mulher no mercado de trabalho, do aumento no índice de divórcio, a instabilidade do casamento, o uso dos contraceptivos, a possibilidade de aborto e o custo financeiro vitalício de ter um filho, possibilitavam que a vinda de uma nova criança passasse a ser revista na nossa sociedade.

Segundo Carter e Mc Goldrick; (1995), ser um progenitor é o resultado, psicológico e social desta nova fase de desenvolvimento e é mais do que um vínculo entre duas gerações. A entrada de uma criança no casamento, modifica o equilíbrio entre o casal e seu trabalho, amigos, irmãos e pais.

A chegada de uma criança altera a rotina do homem, da mulher e do casal. Com a entrada em massa das mulheres no mercado de trabalho, ou seja, sua inserção no espaço público, os homens foram estimulados a ocupar também o espaço privado, desenvolvendo-se, assim, ao menos potencialmente, ambos como cuidadores e provedores: precisam trabalhar e ao mesmo tempo realizar os cuidados domésticos e com a criança. Com estas mudanças sociais e econômicas, as mulheres e os homens passaram a não saber mais ao certo quem deve, criar os filhos, ou seja, os papéis estão confusos, uma vez que hoje a mulher também tem um trabalho, deixando de ter a maternidade como o único eixo de sua identidade. Da mesma forma, os homens não precisam ter apenas o trabalho como definidor de si-mesmos (os homens por outro lado, estimulados a entrar para o âmbito privado, passam a desenvolver-se também como cuidadores).

Os jovens casais lutam contra as pressões das responsabilidades e buscam satisfações profissionais e familiares. Após se casarem, ou seja, estruturarem novas regras de convívio a dois, a chegada de um filho altera esta estrutura, e os jovens pais precisam repensar diversos conceitos, como o modo como irão educar seus filhos, como poderão se doar para eles sem abrir mão de seus interesses individuais, etc.

Segundo Armstrong(1971), o casamento com filhos cria uma colisão de paradigmas, entre as crenças e atitudes adotadas pelos homens e pelas mulheres, pois a vida familiar é um âmbito em que transparecem as desigualdades de gênero: a igualdade, e a busca de relações simétricas, onde ambos compartilham direitos, deveres, prazeres, ainda é uma meta a ser atingida. Na contemporaneidade percebe-se uma superposição de valores arcaicos e modernos, em que antigos padrões convivem com os novos, nem sempre de maneira harmônica (Figueira,1985).

Antes de ter um filho, o casal, como já foi dito, precisa estar bem estruturado, e saber exatamente que lugar este “novo integrante” vai ocupar na família. Os pais precisam dedicar um espaço e tempo, em suas vidas pessoais e profissionais para cuidar desta criança. “O espaço para a paternidade é difícil de criar, no caso dos pais contemporâneos. Na medida em que a força de trabalho se tornou mais equilibradamente povoada por homens e mulheres, não houve um deslocamento de homens para a esfera doméstica, nenhuma reavaliação da vida doméstica e houve uma desvalorização da tarefa de criar filhos.” (Carter e Mc Goldrick, 1995).

Segundo Winnicott (1960/70), o casamento e a constituição de uma família nem sempre são sinais de maturidade parental e dentre homens e mulheres imaturos que se casam, muitos encontram na família motivo para grande alegria e alívio. Porém esta imaturidade influenciará na criação de seus filhos e conseqüentemente possíveis conflitos durante o crescimento de seus filhos acarretarão possíveis crises entre o casal. Além disso, os cônjuges devem tornar-se cuidadores, para favorecer o desenvolvimento das crianças. Este novo papel pode mobilizar antigas vivências, como aquelas relativas a “ser cuidado”, que podem ter sido satisfatórias, servindo como um modelo internalizado de

“bom cuidador”, ou não, o que pediria uma reparação e, talvez, posterior resgate da possibilidade de cuidar-se e cuidar do outro.

Portanto a chegada de uma criança na vida de um casal é tão ou mais complexa que o casamento. Por esta razão os pais precisam estar “preparados” para receber mais um integrante em suas vidas, pois sua entrada irá alterar a rotina, a vida do casal e os papéis desempenhados por ambos.

Segundo Erikson (1976), o sentimento de confiança básica que deve se desenvolver na infância, não depende da quantidade de alimento ou de demonstrações de amor, mas sim da qualidade das relações. Os pais devem não só ter métodos de proibição e permissão, devem estar aptos a representar para a criança uma convicção “quase somática”, de que existe um significado no que estão fazendo. Pode-se dizer que esta postura convicta passa confiança aos filhos, mesmo que estas muitas vezes sejam frustrantes para a criança.

Ao educar os pais precisam primeiramente entrar em acordo sobre seus princípios e como estes serão transmitidos para seus filhos; após estarem de acordo precisam ter certeza que estão fazendo o que é “certo” para seu filho, pois desta forma as crianças sentem-se seguras.

1.3- A maternagem.

“ As mulheres maternam. Em nossa sociedade, como na maioria das sociedades, as mulheres não apenas geram filhos. Elas também assumem a responsabilidade inicial pelo cuidado da criança, dedicam mais tempo a bebês e crianças do que homens, e mantêm os primeiros laços emocionais com os bebês” (Chodorow,1990).

Ao longo dos séculos, as mulheres entraram e saíram da força de trabalho pago, as taxas de casamento e de fertilidade oscilaram, mas as mulheres sempre cuidaram de crianças. Segundo Chodorow, a maternagem das mulheres é um dos poucos elementos universais e duráveis da divisão do trabalho por sexos.

Pelo fato da mulher dar à luz e amamentar, a responsabilidade pelo cuidado e a maternação tem sido admitida como evidente. Historicamente, as exigências físicas e biológicas concretas da gravidez e cuidado infantil diminuíram . Porém a maternidade ainda acontece na família, e assim o papel da atividade materna adquiriu significação psicológica e ideológica, definindo a vida das mulheres.

Há dois séculos, a maternação não dominava a vida das mulheres, estas desempenhavam responsabilidades produtivas e reprodutivas. O lar era a principal unidade produtiva da sociedade e os filhos eram integrados ao mundo adulto do trabalho. O cuidado dos filhos e as responsabilidades produtivas das mulheres incluíam longo preparo das meninas-filhas, domésticas, aprendizes-para o trabalho. (Chodorow,1990).

Com a industrialização, as pessoas passaram a trabalhar fora de casa, e a família tornou-se uma instituição relacional e pessoal, assim o papel da mulher na família centrou-se no cuidado com os filhos e homens. A maternação tornou-se menos interligada com suas outras tarefas, ficando assim mais isolada e exclusiva.

Atualmente, os lares têm menos filhos e estes vão para a escola mais cedo. Mesmo com a inserção da mulher no mercado de trabalho, ao voltar para casa a resposabilidade com os filhos é sua. As mães biológicas vieram a ter mais

responsabilidades exclusiva pelo cuidado de filhos, uma vez que as mulheres passaram a ter menos filhos.

Ainda segundo Chodorow (1990), as mulheres, como mães, produzem filhas com capacidades de maternar e possivelmente desejo de maternar. Estas capacidades e necessidades acham-se embutidas no próprio relacionamento mãe-filha e surgem dele. Por outro lado, as mulheres produzem filhos homens cujas capacidades e necessidades maternantes têm sido reproduzidas e reprimidas. Isso predispõe um papel familiar menos afetivo, e uma participação no mundo do trabalho impessoal.

Assim, o modo como uma mãe materna sua filha, servirá de referência de maternagem, ou seja, a mulher quando tiver um filho terá como modelo a maternagem de sua própria mãe. Portanto desde o momento em que a mulher descobre a gravidez ao ato de maternar, ou seja de cuidar de seu filho, muitas lembranças de sua própria maternagem surgem e influenciam diretamente na maneira que cuidará de seus próprios filhos.

Segundo Winnicott (1975), a primeira condição de uma boa maternagem reside na capacidade de adaptação às necessidades do filho, ou seja, no prolongamento no plano psicológico, durante várias semanas após o seu nascimento. A boa mãe vive “a preocupação materna primária”, a qual surge na gravidez e dura algumas semanas após o parto. Este sentimento de hipersensibilidade materna é uma “doença” boa, que permite a mãe adaptar-se às primeiras necessidades do filho com delicadeza e sensibilidade.

Segundo Elisabeth Badinter(1980), o aleitamento é a primeira prova de amor da mãe pelo filho, pois envolve grandes sentimentos de prazer, físicos e espirituais. A mãe devotada, boa, é aquela que está atenta às necessidades do filho, que se ocupa dele, por meio de um cuidado estável, que, portanto, estimula sentimentos de segurança e confiança no Outro.

Erikson (1959) acreditava que o bebê podia ser mais que um “conjunto de impulsos”, e que a formação do seu ego dependerá, em partes, de capacidades inatas. Porém o mais inusitado de sua teoria é o fato de acreditar que a personalidade resulta da interação contínua de três grandes sistemas: o

biológico, ou seja, o recém nascido humano possui impulsos e pulsões, mas também que o desenvolvimento ocorre de uma maneira previsível, governada por algum tipo de mecanismo inato. Outra dimensão é a social, ou seja, de nada adianta o biológico sem o social, pois para que o bebê sobreviva, ele precisa ser cuidado, sem o outro, as necessidades dele não podem ser satisfeitos. A terceira é a individual: o bebê ao se desenvolver consegue diferenciar-se dos demais, reconhecendo-se como um ser único, dentro de uma determinada sociedade, com um passado, presente e futuro particulares.

O autor diz também que o bebê, devido à sua desproteção e dependência, precisa ter alguma certeza de que suas necessidades serão atendidas assim que manifestadas, ou seja, é o primeiro conflito confiança versus desconfiança. Esta é necessária para as eventuais frustrações que o indivíduo possa ter futuramente, porém para a construção de uma identidade é preciso que penda para a confiança e que a frustração tenha sentido. O segundo estágio, é caracterizado como autonomia versus vergonha e dúvida, ou seja, como resultado do desejo da criança de auto-afirmação, ela encontra-se em frequentes disputas com os pais. Ao mesmo tempo que ela quer muito uma coisa, ao “brigar” por ela, percebe que ainda é dependente e “fraco”. Para desenvolver autonomia é necessário que a criança se experimente, se arrisque, testando seus limites e os do ambiente. Se mal sucedida, ou por não ser respeitada, ou rejeitada, ou até super protegida, pode ter dúvidas a seu próprio respeito e também sobre o ambiente, se será receptivo a ela. A dúvida alia-se à vergonha, que refere-se à separação de estar exposta de forma inadequada. Portanto, o ambiente deve proporcionar espaço para experimentação, mas também limites que dêem segurança à criança. O terceiro estágio é o que ele chama de iniciativa versus culpa: a criança já é mais velha, por volta dos três anos sente-se ainda mais independente, mas não absolutamente, o que pode fazer com que se sinta culpada por ter desejos e não conseguir ter autonomia suficiente para realizá-los. Neste momento a criança ainda valoriza muito os processos vividos, pois futuramente se preocupará também com seus produtos.

O autor citado foi um dos primeiros teóricos a considerar o desenvolvimento humano do berço ao túmulo. Nós utilizamos suas concepções relativas à criança, mas uma outra possibilidade seria também recorrer a ele para compreender os processos vividos pelos cuidadores, com foco na figura materna. Fica aqui uma sugestão para trabalhos posteriores.

Segundo Erikson (1976), o sentimento de confiança básica que deve se desenvolver na infância, não depende da quantidade de alimento ou de demonstrações de amor, mas sim da qualidade das relações. Os pais devem não só ter métodos de proibição e permissão, devem estar aptos a representar para a criança uma convicção “quase somática”, de que existe um significado no que estão fazendo. Pode-se dizer que esta postura convicta passa confiança aos filhos, mesmo que estas muitas vezes sejam frustrantes para a criança.

Ao educar os pais precisam primeiramente entrar em acordo sobre seus princípios e como estes serão transmitidos para seus filhos; após estarem de acordo precisam ter certeza que estão fazendo o que é “certo” para seu filho, pois desta forma as crianças sentem-se seguras.

Erickson, completa dizendo “...o bebê deve ganhar a certeza de que a sua fé em si mesmo e no mundo não será comprometida pelo desejo violento de fazer sua escolha, de apropriar-se exigentemente e de eliminar obstinadamente.” (Erikson,1976).

“A autonomia que os pais estão aptos a conceder aos filhos pequenos depende da dignidade e sentido da independência pessoal que eles derivem de suas próprias vidas.” (Erikson,1976). Portanto o sentimento de confiança do bebê é consequência da confiança que os pais tem na educação que estão dando e em seus princípios, uma vez que esta está estabelecida a criança esboça seus primeiros passos, ou seja, sua autonomia. Esta última dependerá também da história de independência que estes pais tiveram em suas vidas.

Uma vez que a criança está convencida de que é uma pessoa independente, ela passa a descobrir que tipo de pessoa ela poderá vir a ser. Segundo Erickson, quando a criança passa a se locomover e a falar, começa a interagir com os outros; já no final do período de imaginação expansiva, a

criança está apta a aprender rápido e avidamente. Nesta fase ela também está ansiosa para realizar coisas em conjunto, a compartilhar regras, disciplina e desempenhos. Esta é a idade escola, na qual a criança começa a se relacionar com outras crianças, professoras e novos espaços.

A identidade é composta por articulações de vários personagens e ela é posta sob a forma de personagem. A personagem é um momento da identidade que expressa as diversas formas que esta pode assumir, particularmente através dos papéis sociais atribuídos ao indivíduo - mãe, filho, etc. Nessa perspectiva, é necessário ver o indivíduo não mais isolado, mas entendê-lo numa relação.

Para Rubin (1984) o núcleo da identidade materna reside nos conceitos do eu - mãe e você - filho e como ambos relacionam-se e influenciam-se. Durante a gestação, a identidade materna é construída por meio de uma imagem idealizada de si como mãe e, também, do bebê como filho. No período pós-parto, a identidade materna implica mudança no relacionamento consigo e com o filho, que passa de uma imagem idealizada para uma realidade concreta. Portanto, a identidade materna implica construir um relacionamento baseado na sua vinculação com o filho.

Apesar de, rigorosamente, estar relacionada à identidade materna, a aquisição ou incorporação do papel materno envolve representações culturalmente definidas de comportamentos associados a este papel (Rubin, 1984).

A identidade é a articulação da diferença e da igualdade, (Ciampa 1984;1993). Desse modo, ao atribuir a alguém o papel de filho, implica, ao mesmo tempo, que alguém assume o papel de mãe, pressupondo que ambos se manifestarão de acordo com os respectivos papéis.

Capítulo 2- A criança e sua entrada na escola

2.1 - A criança maternal

Segundo Piaget (1989), crianças até dois anos encontram-se no Estádio sensório- motor: este estágio baseia-se, principalmente, na experiência imediata através dos sentidos em que há interação com o meio; esta é uma atividade prática. “Na ausência de linguagem para designar as experiências e assim recordar os acontecimentos e idéias, as crianças ficam limitadas à experiência imediata, e assim vêem e sentem o que está a acontecer, mas não têm forma de categorizar a sua experiência, assim, a experiência imediata durante este estágio, significa que quase não existe nada entre a criança e o meio, pois a organização mental da criança está em estado bruto, de tal forma que a qualidade da experiência raramente é significativa, assim, o que a criança aprende e a forma como o faz permanecerá como uma experiência imediata tão vivida como qualquer primeira experiência”.

A busca visual é um comportamento sensório-motor e é fundamental para o desenvolvimento mental, pois este tem que ser aprendido antes de um conceito muito importante designado por permanência do objecto. À medida que as crianças começam a evoluir intelectualmente compreendem que, quando um objecto desaparece de vista, continua a existir embora não o possam ver, pois ao saberem que esse desaparecimento é temporário, são libertas de uma incessante busca visual. Sendo durante este estágio que os bebês aprendem principalmente através dos sentidos e são fortemente afectados pelo ambiente imediato, mas contudo, sendo também neste estágio que a permanência do objecto se desenvolve, podemos então afirmar que, os bebês são capazes de algum pensamento representativo, muito semelhante ao do estágio seguinte, pois seria um erro afirmar que, sendo a sua fala, gestos e manipulações tão limitadas, não haveria pensamento durante o período sensório-motor. “Nada substitui a experiência”, é uma boa síntese do período sensório-motor do desenvolvimento cognitivo, pois é a qualidade da experiência durante este primeiro estágio que prepara a criança para passar para o estágio seguinte.

2.2- Separação da mãe e da criança

Segundo Winnicott (1975), a independência nunca é absoluta, o indivíduo não se torna isolado e sim relacionado ao ambiente, de modo que se pode dizer o indivíduo e o ambiente são interdependentes.

O autor divide a jornada da dependência à independência em três momentos: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência.

Neste primeiro estágio, a mãe está tão preocupada como o bebê, que de início parece ser parte dela mesma, está tão identificada com seu bebê que sabe como ele está se sentindo. Ao mesmo tempo o latente está completamente dependente da mãe, principalmente pela provisão física. Nesta fase o lactente não tem modo de se conscientizar do cuidado materno, pois está indissociado da mãe.

No estágio de dependência relativa, o lactente começa a ter uma compreensão intelectual, ou seja, ele passa a ter consciência de que é dependente. Quando sua mãe está longe por um tempo, começa a sentir-se ansiosa, sendo assim, este o primeiro sinal de que a criança percebe sua independência. Isto revela que já há uma primeira discriminação entre mãe e filho. Gradualmente a necessidade pela mãe se torna tão forte e significativa, que as mães neste momento odeiam deixar seus filhos, sacrificando-se muitas vezes para não causar raiva e aflição. Esta fase dura aproximadamente de seis meses a dois anos.

Quando uma criança já está com dois anos de idade, começa a ter habilidade em lidar com a perda. Neste momento, avós, tios, tias e o próprio pai passam a ser bons substitutos, uma vez que estes tenham já uma relação com a criança.

No período da latência as crianças estão satisfeitas com a experiência da dependência. Esta fase é o período do brinquedo escolar no papel de um substituto para a casa.

No último estágio, rumo à independência, a criança se torna gradativamente capaz de se defrontar com o mundo e suas complexidades, e assim com o que está dentro dela mesma. A criança passa a se identificar com a sociedade, pois esta é um exemplo do seu próprio mundo pessoal.

Assim se desenvolve uma verdadeira independência, a criança sente-se satisfeita em ser capaz de viver uma existência pessoal, mesmo que já esteja envolvida com o social .

2.3- A entrada da criança na escola

Segundo Pinto(1999), as rupturas ocorridas nas estruturas sociais e familiares, que tiveram como marco a sociedade moderna, resultaram na privatização do espaço familiar, que passa a ser organizado em torno da criança. No entanto, a responsabilidade da família pela proteção, educação e socialização da criança sofreu novas transformações a partir do desenvolvimento do modelo urbano-industrial, que teve como consequência uma perpetuação das desigualdades sociais e da própria constituição da infância.

Ao mesmo tempo o prolongamento do tempo de infância, como um período em que a criança é preservada do mundo do trabalho, é acompanhado de um reconhecimento social da criança, mas não de uma garantia do direito à infância.

As grandes modificações impostas pela sociedade às diferentes estruturas familiares modificam os padrões de organização da vida familiar quanto às práticas de criação de filhos, de divisão de tarefas e papéis familiares, trazendo como consequência a necessidade de tornar coletivo o cuidado e a educação da criança pequena.

A partir desse momento e com a crescente entrada da mulher no mercado de trabalho, a escola e as creches aparecem como alternativas.

Estas instituições de educação infantil têm como tarefa não apenas o domínio do conhecimento, mas sim assume funções de complementaridade e socialização relativas tanto à educação como ao cuidado e tendo como objeto as relações educativas-pedagógicas, estabelecidas entre e com as crianças pequenas (0 a 6 anos). Estas relações envolvem, além da dimensão cognitiva, as dimensões expressiva, lúdica, criativa, afetiva, nutricional, médica, sexual, física, psicológica, lingüística e cultural (Pinto 1990).

A entrada da criança na escola constitui um marco na sua vida. Para muitas delas, representa uma linha divisória, a saída do aconchego familiar para a conquista de um mundo novo, muitas vezes ameaçador.

Esse início da vida escolar de cada criança tem sido retratado por alguns como um período turbulento, caracterizado sobretudo pelo choro e por fortes emoções.

Adaptação é um processo gradativo, como diz Balaban (1988), o qual é vivenciado diferentemente por cada criança. Esse processo vai sendo construído nas interações com os outros - crianças, professores e pais - e com o meio - escola e casa. É um momento de responsabilidades partilhadas entre escola e família, considerando que essa criança em processo de adaptação tem uma história de vida, passou por inúmeras experiências e que faz parte de um determinado grupo social.

Por outro lado, segundo Balaban (1988), é um período permeado de emoções diversas como medo, ansiedade, insegurança, dentre outros, para todos os envolvidos - professores, pais e, em particular, as crianças. Descreve, ainda, que os sentimentos vivenciados pelas crianças são muito mais intensos nesse período e que as suas expectativas acerca dos adultos influenciam nesse processo.

As crianças reagem diferentemente. Furman (Balaban, 1988, p.13) afirma que "é um engano comum pensar que quando a criança pequena que não se importa quando seus pais a deixam ou quando ela os deixa, tenha elaborado bem a separação. A criança que realmente a elabora bem, permite a si mesma que sinta falta da pessoa querida que está ausente, que se sinta triste, sozinha e talvez até zangada, e se permite expressar seus sentimentos de maneira apropriada". Nesse sentido, é preciso que o professor, e principalmente os pais, estejam seguros para conduzir esse processo diferentemente em cada criança e paciência para esperar o tempo de cada um. E, acima de tudo saber intervir no momento certo.

Já os pais, em sua maioria, sentem-se ansiosos e divididos entre a perspectiva de ver seus filhos conquistando novos espaços, ao mesmo tempo, ter que deixá-los com pessoas desconhecidas. Não raras vezes sentem-se ameaçados de perder o amor de seus filhos ou ter que dividi-los com outros.

Não é diferente para os professores. É uma fase de expectativa e excitação com a perspectiva de encontrar um novo grupo de crianças. Balaban (1988) lembra que além destes aspectos, os professores são tomados por

lembranças passadas, algumas positivas outras negativas, relacionadas ao início de sua vida escolar, bem como de outras experiências pessoais que envolvem separação, as quais podem dificultar o processo de adaptação das crianças.

O professor nesse processo aparece como mediador principal no contexto da adaptação à vida escolar. Assim como as crianças e os pais, nesse momento, também passa pelo processo de adaptação, pois a cada ano que se inicia novas experiências, novas crianças, novos pais serão conhecidos. As expectativas são muitas em relação ao seu relacionamento com os pais, com as crianças, etc. A rotina de sala de aula e muitas vezes da própria escola são modificadas diante das peculiaridades encontradas no processo de adaptação.

Enfim, o professor é o principal mediador e tem que atender as expectativas dos pais, ganhar a confiança das crianças e de seus familiares e ainda, conduzir esse processo. Estão sendo postos o tempo todo à prova e é necessário sempre ampliar e capacitar os seus conhecimentos.

Passos fundamentais desse processo, são: a integração da criança ao ambiente escolar; a percepção do professor como organizador do trabalho, estabelecendo com ele uma relação afetiva, de confiança, amizade e cooperação; a criação de uma rotina diária que permita a construção gradativa das noções dos acontecimentos, dentro do tempo e do espaço, fator este importante para transmitir segurança e independência à criança.

Além da rotina, é muito comum que as próprias crianças levem a escola objetos pessoais, como bichos de pelúcia, panos, etc, para sentirem-se seguras neste novo ambiente. Segundo Winnicott (1978), estes são objetos transicionais, que de certa forma é uma substituição de sua mãe, ou seja, sua referência de proteção e segurança. Este objeto escolhido pela criança, simboliza afeto, proteção, carinho, segurança, etc. Ao passo que a criança sente confiança no ambiente escolar a tendência é que este objeto perca o significado e assim seja deixado de lado, porém dificilmente será esquecido por ela.

Capítulo 3- Metodologia

O objetivo deste trabalho é refletir sobre como os pais se sentem quando se separam de seus filhos pela primeira vez, quais são os sentimentos envolvidos neste processo e como estes afetam na adaptação deles na escola.

O modelo de pesquisa adequado é o estudo descritivo qualitativo, no qual o foco de atenção é a construção de significados por parte dos sujeitos, suas vidas e como as percebem (Ludke e André, 1986).

A pesquisa qualitativa, diferente da quantitativa que busca utilizar o maior número de pessoas ao acaso para obter uma generalização dos resultados com base estatística, procura coletar os dados através de uma amostra de sujeitos específicos, que são do interesse do pesquisador, mas que não são necessariamente representativos da população. Esta amostragem seria considerada não probabilística e intencional, já que os critérios são estabelecidos a partir de características conhecidas da população alvo escolhida pelo pesquisador. No caso desta pesquisa, foram escolhidos sujeitos que vivenciaram neste ano esta separação, um com muita facilidade e outra com mais dificuldade.

As situações, ações e interações complexas serão analisadas em seus contextos, a partir do ponto de vista do sujeito, para se obter uma compreensão do fenômeno e dos processos envolvidos (Moon, 1990). Dessa maneira, poderemos refletir melhor sobre os comportamentos humanos, considerando seus significados e intenções (Guba e Lincoln, 1994). Portanto, apesar de não se tratar de uma população clínica, este trabalho se caracteriza como uma pesquisa clínica por consistir num processo de conhecimento dos significados que o indivíduo atribui a suas crenças e valores, visando construir os fatos psicológicos dos quais ele é fonte em uma estrutura inteligível.

Foram usadas entrevistas semi-dirigidas como instrumento de coleta de dados. Nessa perspectiva é importante considerar o pesquisador como parte do processo de coleta e análise dos dados: deve estar envolvido e ao mesmo tempo manter certo distanciamento, que lhe permita posteriormente pensar sobre o que

ouviu. É co-participante da realidade observada, tendo responsabilidade pelo material produzido.

A) Participantes

Escolheu-se entrevistar duas mães que colocaram seus filhos na escola no início do ano, e que conseqüentemente passaram pelo processo de adaptação escolar. Ambas têm filhos únicos: considera-se que a vivência deste processo é relevante, já que é a primeira vez que ocorre, requerendo novas adaptações por parte de todas as pessoas envolvidas.

Trata-se de 2 mulheres de idade entre 30-35, anos, casadas, professoras, mães de filhos únicos, de classe média-alta, e, portanto, formadora de opinião.

Além disso achou-se conveniente entrevistar a professora das crianças, que pode contribuir com outra perspectiva para a reflexão sobre o processo investigado.

B) Instrumento

A entrevista foi semi-dirigida: a conversa com as entrevistadas se desenrolou partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, apresentado a seguir. Através da interação entre pesquisadora e entrevistada haverá uma co-construção, com o aprofundamento dos pontos propostos.

C) Procedimento

Foi dito a estas mulheres que se trata de um trabalho científico na área de psicologia, visando a compreensão dos sentimentos envolvidos no processo de adaptação escolar de seus filhos, do ponto de vista materno. Reagiram favoravelmente, mostrando-se curiosas quanto as perguntas

As duas mães foram contatadas pessoalmente e as entrevistas foram feitas separadamente numa sala da escola, onde foi garantida a privacidade e o silêncio, num horário favorável. Também foi solicitada sua assinatura no Termo de Consentimento Esclarecido e Informado, garantindo-se o sigilo e o cuidado com as suas informações.

Embora tenham sido solicitadas, ambas foram objetivas, não se estendendo em reflexões em suas respostas. Hipóteses acerca destas reações

serão levantadas na Análise e Discussão dos Resultados. Embora a pesquisadora estivesse disponível por aproximadamente 2 horas, as entrevistas tiveram uma duração entre uma hora e uma hora e quinze minutos.

D) Procedimento para análise dos resultados

As entrevistas anotadas e transcritas na íntegra em seguida, com a permissão dos participantes. Consideramos também os comportamentos não verbais e as reflexões e sensações da entrevistadora.

Fizemos inúmeras leituras das narrativas, obtendo um relato que contém as informações mais significativas. As cruzamos com os dados da literatura apresentados nos capítulos teóricos.

Considerações Éticas

Nesta pesquisa destacam-se também as questões éticas, pois as informações obtidas envolvem um elevado grau de intimidade. Consideramos as normas previstas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução 196/96): garantimos sigilo profissional pelo comprometimento de não revelar a identidade aos participantes, bem como a utilização dos registros obtidos apenas no âmbito acadêmico. O termo de Consentimento Informado e Esclarecido consta do Anexo I.

Houve atenção e cuidado com a carga emocional que poderia ter sido mobilizada nos encontros. Colocamo-nos à disposição para outros contatos que pudessem ser necessários para a elaboração das vivências relatadas, de forma a garantir a beneficência.

Capítulo 4 – Resultados

Síntese das entrevistas

a) Primeiro caso

L.P tem 34 anos, é casada há 6 anos, formada em psicologia e pedagogia e atua como professora. Seus pais são vivos, sua mãe tem 55 anos e seu pai 70 anos. Possui três irmãs mais velhas e um irmão mais novo. Seu marido tem 36 anos, os pais estão vivos e tem uma irmã mais velha.

Segundo L. sua infância foi tranquila, não tem muitas lembranças desta época. Sua adaptação à escola foi bem complexa, sua mãe ficou na escola por três meses, pois L. chorava muito e fazia escândalos. Relata que possui uma difícil relação com a mãe, briga muito com ela, pois “ela é mandona e sempre quer impor suas vontades”. “Ela não tem muita paciência, minha filha prefere minha sogra”. Em contrapartida relata uma excelente relação com o pai. Ao relembrar sua entrada na escola, diz que mantém contato com uma das professoras até hoje, tinha amigos na escola, mas “era terrível, mordida todo mundo”. L. estudou na mesma escola em que dá aulas e que sua filha estuda.

L. namorou F. durante dois anos, relata que foi tranquilo até marcar a data do casamento, pois cada um queria a festa de uma maneira. Enquanto ela preferia um casamento menor, ele preferia menor com menos “requisite”. Um ano após o casamento, começou a tentar engravidar, demorou mais que o esperado, e quando engravidou perdeu o bebê (com dois meses). Após esta perda, ficou um ano tentando , e após este tempo ficou grávida da M. Hoje está tentando engravidar novamente, mas não está conseguindo.

Sua gravidez, segundo ela, não foi legal fisicamente, passou mal, teve mal-estar até os quatro meses de gestação. Entre o sexto e o sétimo mês teve diabetes, assim precisou controlar sua alimentação. No final da gravidez ficou muito inchada e teve pressão alta. Tirando estes aspectos físicos, foi tudo bem, conta ela, imaginava que teria menos enjoô, pressentia que era menina, e

nasceu da maneira que imaginava, loira de olhos claros e meiga. O marido queria menino, mas hoje em dia quer uma segunda menina.

Durante a gravidez fez hidroginástica. M. nasceu de cesária, pois estava sentada e como a pressão de L. estava alta, foi a melhor solução. Relatou que tinha medo da anestesia e da criança ter má-formação. Não sentiu dor, mas passou mal durante o parto, vomitou por ter bebido coca-cola antes de ir para a maternidade. Ao ver sua filha, chorou muito, colocou ela em seu colo, mas não deu de mamar e em seguida M. foi para o colo do pai. “Fiquei emocionada, mas ainda apreensiva para ver se estava tudo bem com o nenem. Segundo ela, sua ligação com M. Foi imediata. Segundo L., seu marido tem uma relação ótima com M., é um pai presente, mesmo trabalhando bastante, volta a tempo para dar banho na filha.

O desenvolvimento de M. foi normal, demorou apenas começar a andar, iniciou com 1 ano e quatro meses. Depois de um tempo foi notado em M. um “frouidão”, “ela é elástica, precisa apenas ficar atento com o desenvolvimento”.

Relata que sua volta ao trabalho foi “melhor do que esperava”. M. ficava com uma babá de confiança e segundo ela as manhãs passam rápido. Embora este momento tenha sido de certa forma uma separação, L. considera que a primeira vez que separou-se de sua filha foi quando ela tinha um ano e dois meses, foi em um final de semana. M. ficou com a sogra. L. ligou inúmeras vezes durante o dia, para saber como ela estava. “Foi difícil relaxar, fiquei com a cabeça nela”.

Em relação a entrada de M. na escola não foi muito o que L. queria. “Me senti pressionada pela minha família e amigos. “Se dependesse de mim, não sei quando eu a colocaria na escola, mas depois que ela foi, percebo que foi a melhor coisa”. “Pensava que ela não fosse ficar bem, mas acho que ela já queria”. Seu marido estava seguro. Relatou que tentou passar confiança para M, explicou a ela o que iria acontecer e o fato de trabalhar na mesma escola favoreceu sua adaptação. Este processo de adaptação foi bom ela chorou por um tempo, mas hoje M. adora a professora e gosta de vir a escola. Relata que o fato de ter “escolhido” a professora também facilitou.

L. se caracteriza como insegura, verdadeira e espontânea. Diz que sua filha é geniosa, carinhosa e feliz. Sua relação com a filha, segundo ela, é de cumplicidade, acolhimento e tranquila.

Segundo caso

C. tem 32 anos, é casada há 5 anos, formou-se em Educação Física, é professora de inglês e de educação física. Seu pai tem 58 anos e sua mãe 55 anos. Tem uma irmã e um irmão mais novos.

Relata ter tido uma infância tranquila, sempre mudou de cidade, estudou em trinta escolas diferentes. Seu pai por ser sempre transferido pela empresa, levava a família toda. C, diz que este fato, a ajudou em ter facilidade para se relacionar, “nunca tive uma turma só, eu pertencia a todas”. O fato de estar tendo que se adaptar constantemente, sua entrada nas escolas eram tranquilas, “no primeiro me setia um pouco deslocada, mas no segundo já estava enturmada”. Lembra que a primeira escola que entrou, com um ano de idade, chorou tanto, que sua mãe só a levou de volta depois de seis meses.

Conta que a relação com sua mãe sempre foi tranquila, mas teve sua fase de rebeldia. Diz que o fato de ser atleta facilitou sua adolescência, “sempre fui a certinha, boa aluna, atleta e magra, então me cobrava muito, não podia ir mal na escola, como minha irmã, que era meu oposto”.

Segundo C, a relação com seu pai sempre foi boa, ele é muito apegado a ela, ele gosta de um chamego, mas ela não. Seus pais sempre foram muito bravos, rígidos. Recorda de uma professora do colegial, diz que tem contato com ela até hoje.

C. namorou quatro anos seu marido. Diz o namoro foi tranquilo, e que o fato de seus pais morarem em Fortaleza, morava em São Paulo com sua avó, então tinha muita liberdade para namorar. Doi anos depois de casada, perdeu três bebês, com seis semanas, pois seu marido tem uma alteração genética. Depois destes episódios, engravidou do J. “Minha aflição era ouvir seu coração bater, fiquei mais atenta a tudo, mas os exames me tranquilizavam”.

Relata que ficou fisicamente muito bem durante a gravidez, engordou mais do que o previsto. “Eu fazia tudo, nadava, andava não deixei de fazer nada”. “Só fiquei um pouco ansiosa, pois meu marido morou em Curitiba durante os oito meses da minha gestação”. O fato de C, não saber aonde ia morar ao certo, a deixou um pouco ansiosa, mas diz que profissionalmente estava sendo muito bom para G., seu marido. Imaginava que sua gestação ia ser mais cansativa, e diz que teve uma gravidez até o sétimo mês e outra depois, pois sentiu-se mais pesada e inchada, devido ao calor.

Conta que tanto ela quanto seu marido imaginavam que J. podia ser de qualquer jeito, pois el é loira de olhos claros e ele moreno de olhos escuros. “ No fundo o via loiro”. Relata que sempre se imaginou mãe de mulher, mas gostou de ter menino e está grávida do segundo. Diz que tinha medo que J. fosse mimado, pois ao conviver com seus sobrinhos, percebe o que quer ou não para seus filhos. “ Incentivei J. desde sempre a ser extrovertido e dado, deixo ir em qualquer lugar com qualquer um”.

C. e seu marido fizeram curso de mães e pais. Relata que seu processo de parto foi longo, mas muito legal. Ficou em dez horas em trabalho de parto. “Estava nadando de manhã, e minha contrações começaram, 6 horas da tarde percebi o que estava acontecendo, pois pensava que era dor de barriga. As onze da noite, tava com 5 por 5. Fui para o hospital meia noite e fiquei mais nove horas em trabalho de parto.” C. Teve dilatação total, mas o bebê não descia, foi cesária, e J. estava enrolado. J. nasceu de 37 semanas. “ Senti toda a cirurgia, foi legal, foi até não dar mais, ele chorou e todo mundo chorou junto.” “ Não tinha medo do parto e sim dele não chorar.” “ É muito maluco, você ama incondicionalmente de um segundo para o outro.”

O desenvolvimento de J. foi normal, segundo C, ele mamava muito, aos dois meses seu leite não era suficiente, ganhou peso rápido. J. foi sempre um bebê muito forte e grande. Relata ter uma excelente relação com seu filho, se considera uma mãe presente, rígida, exigente e o fato de ser professora tenta colocar em prática o que acredita. Conta que seu marido não é maleável com J., é rígido e tenso, mas ao mesmo tempo é paciente, brinca bastante com o filho.

Voltou a trabalhar depois de quatro meses. “ Não tem jeito, né? No começo trabalhava em dois lugares, mas larguei um, não dava, ai fiquei mais tranquila”. Em abril deste ano C. Comemorou cinco anos de casada e foi viajar com o marido para Bahia, e J. ficou com os pais dela. “ Até os nove meses eu não tinha babá, gostava que tudo fosse do meu jeito, e o fato de J. dormir na casa dos meus pais desde bebê, a viagem foi tranquila, tinha certeza que ele ia ficar bem, meu medo maior era que ele desse trabalho. “ Achei que viajar ia ser mais difícil e foi tranquilo, já voltar a trabalhar foi o contrário, pensei que ia ser tranquilo e não foi.”

Em relação a adaptação de J., C. imaginava que ia ser tranquilo, estava preparada. “J. é uma pessoa que se distrai e adapta muito fácil”. O marido de C. estava seguro. “ Uma coisa que percebi, foi que a entrada na escola mudou o resto da rotina de J., mas agora está tudo em seu lugar”. Conta que a relação de J. com a professora, foi desde início muito boa, o que ajudou no processo. Conclui dizendo que o fato de estar segura e tranquila facilitou a adaptação de J.

C. se considera rígida, amiga e impaciente. Que J. ao seu ver é feliz, carinhoso e sociável e que sua relação com ele é próxima, de cumplicidade e de amor. Caracteriza sua adaptação como fácil, feliz e desprendida.

Professora

Segundo G.(professora das duas crianças, J e M), as adaptações de J. e de M. foram bem diferentes. Segundo ela, J. (filho de C.) desde o primeiro dia entrou na escola com um enorme sorriso, despediu-se de sua mãe com tranquilidade e envolveu-se com a professora nos primeiros minutos de aula. Não precisou de nenhum objeto para mediar este processo, pois se relacionou com o ambiente e com os colegas com muita naturalidade. “J. é uma criança encantadora, está sempre de bom humor, pronto para experimentar o novo, conversa e brinca com todos que o cercam. Sempre que chamam sua atenção, para o que está fazendo e obedece. Desde o primeiro dia de aula foi no colo de

todos, funcionários e professoras. É muito independente, não hesita em arriscar-se em novas “aventuras”.

A professora completou dizendo que a mãe de J. estava muito tranqüila com o processo de adaptação, queria que seu filho entrasse na escola. Despediu-se de J. nos primeiros dias com muita segurança, dizendo: “A mamãe precisa trabalhar, e você vai ficar com G. e seus colegas”, dava um carinhoso abraço e ia embora sem olhar para trás. Quando J. encontrava sua mãe na escola, uma vez que esta dá aula na mesma escola, C. dava um beijo e um abraço bem apertado e despedia-se dizendo que tinha que trabalhar. J. pouquíssimas vezes chorou ao vê-la ir embora. G. disse que neste momento reforçava a situação, parabenizando mãe e filho.

Conta também que os avós de J. são presentes, ao menos uma vez por semana são eles que vêm buscá-lo. A mãe de J. mostrou que tem muita segurança na professora e na escola como um todo, pois em momento algum questionou os passeios da escola (ao Zoológico e a Companhia dos bichos).

Concluiu dizendo que a adaptação de J. foi uma das mais tranqüilas que vivenciou, e que acredita que a segurança da mãe favoreceu diretamente este processo.

G. diz que em contrapartida a adaptação de M.(filha de L), foi bem mais complicada: desde o primeiro dia L. perguntava a G.: “Você vai cuidar bem da minha filha, né?. Não deixe que nada de mal lhe aconteça, ela é muito pequenininha.” E o curioso, segundo G., é que L. a escolheu, pediu à diretora que G. fosse a professora de sua filha. “Tenho a impressão de que qualquer professora que fosse, L. não ia confiar por completo, pois ela trata M. como se fosse de porcelana, como se a qualquer momento fosse quebrar, e na verdade L. desde o ano passado disse que achava que era muito cedo para colocar sua filha na escola, mas que como todos a pressionavam decidiu colocá-la.

G. disse que M. até hoje não está completamente adaptada. Desde o início, a despedida das duas foi complicada, M. chorava (um choro de manha) e L. não agüentava e a pegava no colo. Aos poucos este momento de separação foi melhorando, mas até hoje L. entra na classe no meio do dia (pelo fato de ser

professora também) e fica um pouco com a filha. Um fator que colaborou a adaptação de M. foi sua bonequinha Júlia, sem a qual não ficava. G. disse que sempre foi bem tranquila quanto as aparições de L., pois sabia de sua insegurança. Disse que deixá-la entrar trazia segurança a L, e assim facilitava a separação, pois M. sabia que iria ver sua mãe ao longo do dia.

A professora completa dizendo que M. é uma criança muito meiga e fofa, mas é mais reservada e imatura em relação às crianças de sua idade. Tem dificuldade em defender-se e lidar com frustrações. Quando um amigo faz algo de que não gosta, M. chora, mas não reage. “M. criou um vínculo forte comigo, mas não posso deixar a sala que ela chora pedindo minha permanência.” “M. é a única das meninas de sua idade que ainda não tirou a fralda; outro agravante é que ela fica muito doente e falta bastante”. G. ainda relata que os passeios foram complicados para mãe e filha, pois L. ficava falando dos perigos dos lugares um mês antes e pediu a ela que não tirasse o olho de sua filha, e que no passeio à Companhia dos bichos, L. ligou no celular de G. algumas vezes e antes que M. entrasse no ônibus, L. falou inúmeras vezes para ela: “ Não desgruda da G., tá?”, e foi o que aconteceu, M. não queria fazer nada sem a presença dela, e quando se encontrava em uma situação nova chorava pedindo colo. G. conta que atendeu a demanda de M., segurando-a no colo quando ela pedia.

Segundo G., L. mostrou sempre muita insegurança em relação ao momento certo de separar-se de sua filha e por ainda ver M. como um bebê frágil fez com que este processo fosse mais longo e sofrido do que com J.

G. relata que J. é seis meses mais novo que M., e diz que idade não é o fator decisivo para uma tranquila adaptação, que o importante é como a mãe encara este momento. “L. aparentou e me relatou que sofreu com a separação, acho que ela pensou que ia ser ainda mais difícil do que foi tanto para ela quanto para M. Acredito que foi mais dolorido para L. do que para M. Por outro lado, C. aparentou muita tranquilidade e segurança neste momento, o que fez com que a adaptação de J. fosse tão “saudável”.

Capítulo 5- Análise das entrevistas

Para analisar os dois processos de adaptação foi preciso compreender o contexto de vida das mães destas crianças, como se deram suas relações familiares e escolares ao longo da vida e ouvir uma segunda versão, a da professora, que tem uma visão de fora.

Primeiramente serão analisadas as entrevistas separadamente, em seguida será feita uma comparação para que possamos compreender melhor como essas mães, cada uma à sua maneira, vivenciaram e influenciaram o processo de adaptação de seus filhos.

A primeira entrevista foi realizada com L: ela foi bem solícita com o pedido, querendo marcar logo a data e horário. Porém durante a entrevista foi direta, respondeu às perguntas feitas, mas quando era perguntada algo sobre seus sentimentos e sensações, mostrou dificuldade em falar, muitas vezes disse apenas: “foi tranquilo, normal.” Uma hipótese é que durante a entrevista L. entrou em contato com algumas questões de sua vida, o que provavelmente não ocorria há algum tempo, como sua própria adaptação escolar, a relação com a mãe, seu aborto, a dificuldade para engravidar, suas divergências com o marido, entre outras. Um fato interessante é que ao final da entrevista foi pedido que L. se define com três palavras e a primeira foi “insegura”. Uma hipótese é que ao longo da entrevista, tenha percebido esta característica em si mesma, pois como será discutido a seguir isso apareceu em diversos momentos. Portanto este momento de conversa pode ter evocado alguns sentimentos de forma imprevista, o que pode tê-la levado a respostas menos elaboradas, envolvendo uma carga emocional de que L. se defendeu. Portanto, muitas de nossas afirmações devem ser consideradas como um exercício de reflexão articulando teorias e dados, e não fatos comprovados.

L. relatou que não possui uma boa relação com sua mãe, pois esta é mandona e quer que tudo seja de seu jeito. Segundo a professora L. é insegura, trata sua filha como um bebê, dificilmente contrariando as suas vontades. Uma hipótese levantada é a de que L., por ter uma relação complicada com sua mãe,

sente medo de que esta relação se repita com sua filha, assim faz suas vontades, não consegue dizer não. Segundo Chodorow (1990), “o modo como uma mãe materna sua filha, servirá de referência de maternagem, ou seja, a mulher quando tiver um filho terá como modelo a maternagem de sua própria mãe. Portanto desde o momento em que a mulher descobre a gravidez ao ato de maternar, ou seja, de cuidar de seu filho, muitas lembranças de sua própria maternagem surgem e influenciam diretamente na maneira que cuidará de seus próprios filhos”. Uma vez que L. tem consciência de que não possui uma boa relação com sua mãe, sente-se insegura ao educar a filha, pois não quer seguir o modelo de maternagem de sua mãe, assim acaba fazendo as vontades da filha para que não reproduza o que vivenciou com sua própria mãe, aparentemente não tendo outros modelos claros. Talvez não tenha tido uma mãe “suficientemente boa” (Winnicott, 1971), que pudesse introjetar como cuidadora competente. Portanto necessita buscar outros referenciais ou construir-se como mãe “suficientemente boa”, a partir de seus próprios recursos, a serem mobilizados ou construídos.

Podemos pensar também que, além das rápidas transformações sociais que podem levar a uma multiplicidade de escolhas, L. vive o papel materno, que necessita de constantes revisões e mudanças, num contexto mais amplo que também se transforma.

O casal que torna-se parental necessita abrir espaço afetivo para ter ocupado pela criança (Carter e Mc Goldrick, 1995). Portanto, a díade se abre para incluir um terceiro, que deve ser acolhido, protegido, desenvolvendo-se a partir de suas relações de apego, que devem construir-se uma base segura para suas explorações no mundo (Bowlby, 1989). Estas experimentações vão permitindo que a criança torne-se gradativamente mais autônoma e independente, exigindo novos limites, afetivos e espaciais, para que possa mover-se com maior liberdade, mas com segurança e confiança nos cuidadores (Erikson, 1959).

Podemos imaginar o lugar ocupado por M. na vida de L: talvez esteja procurando suprir a falta deixada pela relação com sua mãe na vinculação com M., que, possivelmente, capta seus desejos, respondendo a eles mantendo-se mais dependente do que seria esperado para sua idade. Idealmente os

cuidadores da criança que desenvolve autonomia (Erikson,1959) devem conseguir flexibilizar entre "deixar a criança ir", experimentando-se, funcionar como um espelho, permitindo que ela se perceba (Winnicott) e ao mesmo tempo funcionar como porto seguro e acolhedor. L. parece estar com dificuldades para confiar nas experimentações da filha no mundo, deixando a menina insegura quanto à exploração do mundo externo e com dúvidas acerca das suas próprias possibilidades (Erikson, 1959).

Outra fala de L. é que está tentando engravidar, mas não está conseguindo. Uma hipótese que se pode levantar é que o fato de L. não conseguir engravidar de seu segundo filho, gere medo e insegurança de ter apenas a filha que já tem, assim não quer deixá-la crescer. Segundo a professora, M, filha de L., é mais imatura do que as outras crianças de sua idade, é a única das meninas da classe que ainda não tirou a fralda, e que tem dificuldade em lidar com eventuais frustrações. Segundo Erikson (1959), na fase de confiança básica versus desconfiança é importante que a criança viva frustrações com significado, para que aprenda a lidar com elas, superá-las e para que possa adiar as gratificações. Não sabemos ao certo como foi vivenciada esta fase por M., mas podemos imaginar que não viveu frustrações dessa maneira, de forma a amadurecer. Provavelmente este medo, citado a cima, está levando L. a "passar", inconscientemente, para M. esta imagem de que é um bebê, então não tira a fralda, provavelmente possui outros hábitos de bebês, que as crianças de sua idade não costumam ter. Outro fator nos leva a esta hipótese: M. demorou a andar, apresentou uma "frouxidão", precisando de um olhar mais atento para seu desenvolvimento. Este fato, hipoteticamente, pode ser em decorrência desta insegurança da mãe e de tratá-la como bebê, ou ao contrário, a partir deste diagnóstico de "frouxidão", L. passou a ter um cuidado ainda maior com M., acarretando nesta "super proteção". Segundo Erikson (1959), a criança super protegida, não entra em contato com suas necessidades, pois elas são supridas antes de se manifestarem. A criança poderá, desta forma, cindir-se de sua voz interna, não conseguindo arriscar, buscar o que deseja.

Estas vivências relatadas por L. e as hipóteses levantadas, sugerem o porquê da adaptação de M. ser relativamente mais lenta e “sofrida” em comparação com a de outras crianças. Outro fator importante de análise é a de que segundo L: “Sua adaptação à escola foi bem complexa, sua mãe ficou na escola por três meses, pois L. chorava muito e fazia escândalos.” Uma vez que L. vivenciou uma adaptação complicada, de certa forma, identificou-se com M., imaginando que ela poderia passar pelo mesmo e assim ficou insegura ao colocá-la na escola. Esta hipótese se confirma em sua fala “Pensava que ela (sua filha) não fosse ficar bem.” M., por sua vez, pode ter captado o desejo de mãe, respondendo a ela mantendo-se ligada, não conseguindo realizar a separação temida pela mãe como ameaça. L. revelou dificuldades de separação de sua mãe, que reproduz na relação assimétrica invertida, com sua filha. Cukier e Miller apontam as dificuldades que podem decorrer de relação mãe-filha, em que esta capta as necessidades da primeira, apartando-se das próprias para suprir a mãe, afim de obter aprovação, amor, aceitação. Essa dinâmica pode acarretar o que Winnicott denominou falso self. Este medo acarretou em uma enorme insegurança por parte de L. e ela mesma confirma: “Me senti pressionada pela minha família e amigos. Se dependesse de mim, não sei quando eu a colocaria na escola.” Essa fala soa estranha porque imagina-se que pai e mãe decidam sobre seus filhos e não afirma os próprios desejos, seguindo referências externas que não a validam nem confirmam, o que a deixa ainda mais insegura e com dúvidas sobre sua competência como mãe. Nesta fala ela revela que percebeu sua indecisão sobre a hora certa de colocar sua filha na escola, pois segundo os dados tanto sua história de vida e de adaptação a levaram a sentir-se desta maneira. E este fato justifica o que a professora relatou: “ Desde o início, a despedida das duas foi complicada, M. chorava (um choro de manhã) e L. não agüentava e a pegava no colo.”, ou seja, M. sentiu esta insegurança de sua mãe, de que não estava certa de que era o momento certo (mesmo L. em seu relato dizendo que tentara passar confiança para M) para se separarem, o que acarretou esta adaptação difícil.

Outro fator importante na história de L. é o fato que perdeu um bebê antes de engravidar de M.: este fato também é determinante para compreender a relação desta mãe com seu bebê. Uma vez que uma mulher sofre um aborto, é compreensível que sinta medo e insegurança em relação às próximas gravidezes. Uma vez que já abortou e não consegue engravidar novamente, uma super proteção pode ser considerada esperada, porém até certo ponto, de modo que não atrapalhe no desenvolvimento de seu filho. Podemos refletir sobre estas dificuldades para manter a gestação, um novo filho alterará novamente a dinâmica familiar, cujas fronteiras precisarão novamente se expandir para acolher o novo bebê. M. não receberia toda a atenção de L., que precisaria dividir-se entre as duas crianças. Seria um processo de mudança na relação de M. e L., que sofre com separação, perdendo M. o lugar de bebê para a nova criança. Se L. percebe a filha como vítima que sofre com separações, talvez inconscientemente a esteja poupando desses supostos sofrimentos e frustrações. Como assinalamos anteriormente, estas são reflexões e não afirmações embasadas na realidade, pois não temos informações suficientes. Entretanto, consideramos relevante esse exercício de pensamento clínico.

Segundo G, a professora, um fato que colaborou a adaptação de M. foi sua bonequinha Júlia, sem a qual não ficava. Possivelmente este objeto serviu como mecanismo para sua adaptação, ou seja, foi seu objeto transicional. Segundo Winnicott (1951/1978), “Esse objeto pode ser materializado em qualquer suporte da realidade, como o polegar, a ponta de uma manta, um urso de pelúcia ou uma boneca de pano, já que o que importa é a função que ele desempenha e não o objeto em si. Desse modo, entre a realidade externa e a realidade subjetiva, que de início são incomunicáveis e imissíveis, funda-se um campo intermediário de ilusão. Para o bebê, significa uma zona de compromisso que não é contestada quanto ao fato de pertencer ao mundo puramente subjetivo ou ao território da realidade compartilhada”. M. necessitou dessa intermediação, que lhe proporciona maior conforto e segurança.

Segundo Erikson (1976), o sentimento de confiança básica que deve se desenvolver na infância, não depende da quantidade de alimento ou de

demonstrações de amor, mas sim da qualidade das relações. Os pais devem não só ter métodos de proibição e permissão devem estar aptos a representar para a criança uma convicção “quase somática”, de que existe um significado no que estão fazendo. Pode-se dizer que esta postura convicta passa confiança aos filhos, mesmo que estas muitas vezes sejam frustrantes para a criança. Portanto uma vez que L., não estava segura, certa do que estava fazendo, M. sentiu-se sem uma estrutura para enfrentar o novo ambiente físico e social da escola. A boneca Júlia ajudou-a a lidar com essas novidades ameaçadoras e frustrantes, quase como uma representação do aconchego do lar ou proporcionado pela mãe. Era o familiar num contexto novo e que lhe oferecia possibilidades, no momento potencialmente ameaçadoras, de crescimento.

“A autonomia que os pais estão aptos a conceder aos filhos pequenos depende da dignidade e sentido da independência pessoal que eles derivem de suas próprias vidas.” (ERIKSON,1976). Portanto, o sentimento de confiança do bebê é consequência da confiança que os pais têm na educação que estão dando, em seus princípios, e em si mesmos. Uma vez que esta está estabelecida, a criança esboça seus primeiros passos, ou seja, busca sua autonomia. Esta última dependerá também da história de independência ou dependência que estes pais tiveram em suas vidas. A história de vida de L., sua difícil relação com a mãe, sua própria adaptação escolar, sua dependência dos outros para tomar suas resoluções, sua dificuldade em engravidar do segundo filho, entre outros fatores, levaram-na sentir-se insegura quanto ao momento certo de colocar M. na escola, e como encaminhar esse processo. Esta situação, somada à pressão de familiares e amigos, acarretou em uma adaptação mais lenta e de certa forma mais difícil, tanto para L. quanto para M.

Verificamos aqui a interdependência de que fala Erikson(1959) entre duas dimensões biológicas, a individual (as indiossincrasias de L., sua história pessoal) e a social no desenvolvimento. Este alterna continuidades e descontinuidades, ligação e separação, progressos e retrocessos. L. talvez esteja de certa forma revivendo momentos de sua relação com a figura materna,

o que pode dificultar um olhar mais claro e distanciado para M., que é outra pessoa, com outros desejos e necessidades.

As sucessivas separações entre mãe e filha (parto, desmame, controle de esfínteres, entrada na escola, etc.) são oportunidades para L. reparar em parte falhas de sua relação com sua mãe, desde que ela consiga discriminar-se de M., estando atenta à filha olhando-a como Outro e não projetando-se nela, o que pode perpetuar essa dificuldade de “deixar” ir, que significa crescimento para mãe, filha, e para sua relação.

Podemos aqui considerar a importância do papel do pai de M. nessa dinâmica. Embora fugindo de nosso foco central, é inegável que ele poderá interferir positivamente, tanto validando e confirmando L. e M. suas tentativas de ser mãe, quanto oferecendo-se como um outro modelo e facilitador do crescimento de M., aos poucos instrumentando-a e proporcionando-lhe confiança para arriscar-se no mundo. Seria fundamental o investimento na relação conjugal e não só na parental, que nesta fase de desenvolvimento da criança é muito exigente.

Esse momento é favorável também para que M. reveja sua relação passada e atual com a mãe, tornando seu modelo internalizado mais amoroso, acolhedor e, talvez, fonte da força e competência para cuidar. Imaginamos a relevância que um processo psico terapêutico poderia ter nessa dinâmica, tanto no sentido de elaborar conflitos passados, quanto para promover maior apropriação de M. de suas escolhas e comprometimentos, o que teria consequências na sua auto-estima, assim como para prevenir dificuldades futuras no relacionamento com a família nuclear e externa.

A segunda entrevista foi um pouco mais longa, C. também foi solícita ao pedido, mas como L. foi objetiva em suas respostas. Seguindo a primeira hipótese, acredito que a entrevista tenha suscitado muitos aspectos com os quais não entrava em contato há algum tempo, ou de fato não tenha nunca refletido sobre o que foi trazido.

C. conta que sempre teve uma boa relação com seus pais. Segundo Winnicott (1970), “...este novo papel (ser mãe) pode mobilizar antigas vivências,

como aquelas relativas a “ser cuidado”, que podem ter sido satisfatórias, servindo como um modelo internalizado de “bom cuidador”, ou não, o que pediria uma reparação e, talvez, posterior resgate da possibilidade de cuidar-se e cuidar do outro.” O fato de C. ter um bom modelo materno, já é uma fator importante para que possa cuidar de seus próprios filhos, sentindo-se competente para assumir esse papel.

C. também relata que durante sua gravidez vivenciou uma situação não muito comum: seu marido estava longe, morando em outra cidade, e não havia uma certeza de onde iriam morar e segundo ela mesmo assim, este fato não influenciou negativamente em sua gestação. Segundo Carter e Mc Goldrick (1995) “...Os jovens casais lutam contra as pressões das responsabilidades e buscam satisfações profissionais e familiares.” Após se casarem, ou seja, estruturarem novas regras de convívio a dois, a chegada de um filho altera esta estrutura, e os jovens pais precisam repensar diversos conceitos, como o modo como irão educar seus filhos, como poderão se doar para eles sem abrir mão de seus interesses individuais, etc. C. e seu marido precisaram adaptar-se às novas condições de vida, provavelmente antes de decidirem onde iriam morar, precisaram pensar sobre quais seria a melhor opção para os dois e para a chegada de J. Percebemos aqui a convivência de várias demandas nem sempre harmônicas, como conciliar a individualidade de cada parceiro, a conjugalidade e parentalidade anunciada. Habitualmente a vinda dos filhos, uma “aquisição afetiva”, coincide com a necessidade de outras “aquisições ou conquistas”: profissionais, materiais, a reestruturação de todas as relações, inclusive com as famílias de origem, cujos participantes têm todos os papéis transformados: os cônjuges tornam-se pais, os pais tornam-se avós, os irmãos tornam-se tios, etc.

Pode-se hipotetizar que C. tenha realmente tido uma maternagem satisfatória, pois mesmo perdendo três bebês antes de engravidar de J. não acarretou em uma super proteção, pelo contrário, pois segundo a professora C. sempre se mostrou bem segura e J. adaptou-se imediatamente ao novo ambiente, a escola. Outro fator que pode ter levado a C. ser tão segura em separar-se de seu filho, pode dever-se ao fato de ter estudado em 30 escolas

diferentes, por ter que se adaptar a diferentes lugares em pequenos intervalos de tempo, pode ter a levado a lidar com naturalidade frente a novas situações, o que conseqüentemente transmitiu na educação de J. O fato de mudar-se muito de um lugar, gera uma instabilidade em relação ao futuro, fato que também deve ter levado-a enfrentar o inesperado com tranquilidade. C. parece ter desenvolvido flexibilidade e auto-confiança, que facilitam tanto a adaptação do filho quanto sua própria reação à separação.

Um fator interessante que C. cita é o fato de ter que voltar a trabalhar, “Não tem jeito, né? No começo trabalhava em dois lugares, mas larguei um, não dava, aí fiquei mais tranquila”. Este fato mostra a realidade das mulheres de hoje em dia, precisam dividir o trabalho com a maternagem.

Na contemporaneidade, tanto homens quanto mulheres buscam realizar-se no nível relacional e também em relação à individualidade, habitualmente associada com o trabalho. Entretanto, ainda recai sobre as mulheres uma maior responsabilização pelo cuidado das crianças, assim como dos idosos e doentes (Carter e McGoldrick,1990). As próprias mulheres continuam considerando a maternidade como o eixo de suas identidades, sendo a profissão co-central (Meirelles...).

Em relação a adaptação (à escola) de J., C. imaginava que ia ser tranquila, estava preparada. O fato de C. estar calma e sentir-se preparada para este momento fez com que a adaptação de J. fosse tranquila e rápida. Esta segurança traduz o que a professora relata. Segundo ela, J., desde o primeiro dia, entrou na escola com um enorme sorriso, despediu-se de sua mãe com tranqüilidade e envolveu-se com a professora nos primeiros minutos de aula. Não precisou de nenhum objeto para mediar este processo, pois se relacionou com o ambiente e com os colegas com muita naturalidade.

“A autonomia que os pais estão aptos a conceder aos filhos pequenos depende da dignidade e sentido da independência pessoal que eles derivem de suas próprias vidas.” (Erikson,1976). Esta última dependerá também da história de independência que estes pais tiveram em suas vidas. Portanto, C. e seu marido possivelmente passaram para J. segurança e confiança sobre o que

estavam fazendo, assim instrumentaram J. na direção do desenvolvimento da sua autonomia. Podemos imaginar que J. desenvolveu um sentido de confiança básica, tendo internalizado os cuidadores e, portanto, tendo condições para separar-se deles por ter a segurança de que estarão presentes quando precisar deles para suprir suas necessidades. Portanto, conseqüentemente frustrações, adiar gratificações e encaminhar-se para desenvolver uma autonomia que lhe permite explorar-se e explorar o mundo, arriscando-se no novo.

Segundo G., a professora, “..Desde o primeiro dia de aula, J, foi no colo de todos, funcionários e professoras. É muito independente, não hesita em arriscar-se em novas “aventuras.” O que confirma que C. propiciou autonomia e vontade de conhecer o novo. Segundo Erickson, “uma vez que a criança está convencida de que é uma pessoa independente, ela passa a descobrir que tipo de pessoa ela poderá vir a ser.”

Portanto, embora C. tenha vivenciado três abortos, uma incerteza durante a gravidez sobre onde iria morar, entre outros fatos de sua vida, não acarretou em uma super proteção, e sim em uma certeza sobre o que estava fazendo, desde o engravidar ao modo como educar seu filho. Segundo G, C. despediu-se de J. nos primeiros dias com muita segurança, dizendo: “A mamãe precisa trabalhar, e você vai ficar com G. e seus colegas”, dava um carinhoso abraço e ia embora sem olhar para trás, essa segurança que C. teve ao colocá-lo na escola, de saber que estava fazendo o melhor para J., fez com que ele sentisse que era o melhor para ele, assim adaptou-se com naturalidade e como relata a professora: “J. é uma criança encantadora, está sempre de bom humor, pronto para experimentar o novo, conversa e brinca com todos que o cercam. Esta confiança em sua própria atitude, resultou em autonomia e independência de J.

Capítulo 6- Conclusão

As entrevistas relatam como duas mães vivenciaram o processo de adaptação de seus filhos, como foi para elas se separarem deles. Para compreender melhor o que elas sentiram, foi pedido que contassem um pouco sobre suas vidas, para que a partir disso, pudessem ser levantadas hipóteses sobre o porque vivenciaram este momento de maneira tão diferente.

O fato de que as duas entrevistadas tenham sido objetivas em suas respostas, fez com que fosse necessário ouvir uma terceira pessoa, que também participou desta vivência, a professora. Seu relato revelou que as duas crianças tiveram uma adaptação escolar bem diferentes, enquanto uma se habituou imediatamente a nova situação e a separação materna, a outra precisou de mais tempo e atenção para sentir-se à vontade no novo ambiente e ao fato de que sua mãe não estaria mais lá.

Segundo Balaban (1988), adaptação é um período permeado de emoções diversas como medo, ansiedade, insegurança, dentre outros, para todos os envolvidos -professores, pais e, em particular, as crianças. Descreve, ainda, que os sentimentos vivenciados pelas crianças são muito mais intensos nesse período e que as suas expectativas acerca dos adultos influenciam nesse processo.

Ao analisar as entrevistas, e entender melhor a história de vida de cada uma das entrevistadas, pode-se perceber que as duas vivenciaram situações de vida bem diferentes. Uma relatou que sempre teve uma boa relação com a mãe, adaptou-se a inúmeras escolas diferentes (em função da mudança frequente de cidade), possui uma boa relação com o marido, entre outros aspectos, e o principal, de que estava segura sobre a entrada do filho na escola, o que possivelmente influenciou e permitiu que a adaptação de seu filho fosse tranquila e rápida. Em contrapartida a outra participante relatou que a relação com sua mãe sempre foi complicada, que possui divergências com o marido, sua própria

adaptação à escola foi complicada, perdeu um filho e não está conseguindo engravidar, entre outros, e principalmente o fato de que foi pressionada para que colocasse a filha na escola, pois não sentia-se pronta, o que supostamente, junto aos outros fatores, fizeram com que a adaptação para ambas fosse lenta e sofrida.

Portanto pode-se concluir que as mães representam uma grande influência no processo de adaptação escolar, que a história de vida delas faz com que se sintam mais ou menos seguras neste momento. Segundo Chodorow(1990), a mãe irá maternar de acordo com o modo como foi maternada por sua mãe. Esta segurança ou insegurança será passada, inconscientemente, ou mesmo através de gestos e falas para a criança, o que conseqüentemente definirá como esta irá vivenciar este processo.

Considerações Finais

O presente estudo mostrou as intersecções entre as histórias de mães e filhas em relação aos processos de ligação e separação no ciclo de vida humano. Nascemos como seres dependentes de cuidadores por um longo tempo, o que nos faz singulares. Sinalizamos nossa dependência e fragilidade e precisamos de um ambiente que seja responsivo, do ponto de vista de nossas necessidades biológicas e afetivas para sobrevivermos.

A partir da simbiose entre mãe e filho, em que as necessidades deste não são satisfeitas antes de sua expressão, etapas sucessivas de diferenciação, discriminação, vão ocorrendo ao longo da infância. Assim como a vinculação é fundamental para o desenvolvimento do sentimento de confiança básica, ela prepara para a separação, com a construção do senso de autonomia, fundada na confiança no outro e em si mesmo.

O polo da relação representado pela criança foi estudado por autores significativos como Erikson, Winnicott e Bowlby. Consideramos relevante focar o outro polo, a mulher-mãe, que precisa promover a separação para que o crescimento possa continuar. E seus sentimentos e emoções?

Essa mãe está numa relação conjugal, que concilia desejos múltiplos: de satisfação amorosa, sexual, companherismo, intimidade, planos para o futuro, criação dos filhos, etc. A sociedade contemporânea, por outro lado, solicita um novo casal, com seus filhos pequenos, as múltiplas demandas: conquistar um “lugar ao sol”, adquirir bens, status e felicidade.

E tudo se transforma, rapidamente: a sociedade, a família, cada uma das pessoas que a integra. Destaca-se nesse programa a continuidade existente entre cuidar e ter sido cuidado e foi esse o objetivo de nosso estudo. Percebemos duas possibilidades entre muitas, mas que revelaram a importância

da mãe olhar a criança como é, procurando discriminar-se dela para não lhe transmitir as dores do seu passado.

Como dito anteriormente, o presente estudo buscou compreender a influência das mães no processo de adaptação escolar dos seus filhos, mas sem dúvida o pai, os avós, a família como um todo tem influencia neste processo, por esta razão seria muito interessante que outras pesquisas fossem realizadas, afim de ter uma visão mais completa desse importante processo na vida de uma família.

Uma vez identificado os fatores que influencia na adaptação escolar, possíveis intervenções poderiam ser feitas: na rede da criança(família nuclear, externa, escola), na redada mãe, para dar-lhe suporte para viver esse processo, com a mãe, no sentido de promoção de saúde, ou terapêutico quando necessário.

Foi interessante realizar este estudo, pois me possibilitou uma visão materna sobre o assunto. O fato de ser professora, fazia com que eu vivenciasse e refletisse apenas sobre um ponto de vista, com este trabalho pude ampliar meu olhar e me foi possibilitado uma maior compreensão sobre o por quê as crianças enfrentam este processo de diferentes maneiras.

Ao terminar o estudo percebi que é de extrema importância que o psicólogo, que auxilia este processo, tenha lidado com as questões referentes a separação, para poder ter uma atuação eficaz e que promova crescimento de si próprio e do outro.

Referência Bibliográficas

- ARROYO, Miguel. *O significado da infância. In: Anais do Seminário Nacional de Educação Infantil. Brasília, MEC / SEF /COEDI, 1996. BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei n. 8.068, de 13/07/1990: Constituição e Legislação relacionada.* São Paulo, Cortez, 1991.
- BALABAN, Nancy. *O início da vida escolar: da separação à independência.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BORGES, M. F. S. T. e SOUZA, R. C. *A práxis na formação de educadores de educação infantil.* Rio de Janeiro.2002.
- BOWLBY, John. *Uma Base segura: aplicações clínica da teoria do apego.* Porto Alegre, 1989.
- CARTER, Beth, McGOLDRICK,Monica. *As mudanças no ciclo de vida familiar.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1990.
- DAVINI, Juliana. *Adaptação: pais, educadores e crianças enfrentando mudanças .* São Paulo: Espaço Pedagógico, 1999.
- DIESEL, Marlete. *A Adaptação escolar: sentimentos e percepções do educador diante da questão.* Porto Alegre, 2003.
- FIGUEIRA, S.A- *Modernização da família e desorientação: uma das raízes do psicologismo no Brasil.* São Paulo, p.142-46, 1985.
- GALLATIN, Judith. *A adolescência e individualidade.* São Paulo, 1942.
- GOMES, J.V. *Socialização primária: tarefa familiar?* São Paulo,1994.
- GOKHALE, S.D. *A Família Desaparecerá?* Rio de Janeiro, 1980.

- LUDKE, M. & ANDRÉ, M. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo, 1986.
- PIAGET, Jean. *Psicologia e Epistemologia*. Lisboa, 1989.
- PINTO, Manuel & JACINTO, Manuel. *Crianças: Contextos e Identidades*. Editora Península, Lisboa, 1999.
- VIEIRA GOMES, Jerusa. *Relações Família e Escola- Continuidade/ Descontinuidade no Processo Educativo*. São Paulo, 1990.
- WINNICOTT, D.W. *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro, 1975.
- WINNICOTT, D.W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo, 1997.
- WINNICOTT, D.W. *O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil*, 1971.